

# SUL

Revista do Círculo de Arte Moderna

## Romain Rolland

*Escreví a tragédia de uma geração que vai desaparecer. Nada procurei dissimular, quer de seus vícios, quer de suas virtudes, nem de sua tristeza pesada, de seu orgulho caótico, de seus esforços heróicos e de seus acabrunhamentos, sob o fardo esmagador de uma tarefa sobre-humana: toda uma soma do mundo, uma moral, uma estética, uma fé, uma humanidade nova a refazer — Eis o que fomos.*

*Homens de hoje, a vez é vossa.*

*Fazei de nossos corpos um degrau e ide para a frente.*

*Sêde maiores e mais felizes do que nós.*

*Também eu digo adeus à minha alma passada; atiro-a para trás de mim, como um invólucro vazio. A vida é uma sequência de mortes e ressurreições. Morramos, Cristophe, para renascermos.*

(JEAN CRISTOPHE — prefácio do último tomo)

Neste número:

**Dei um soco na janela da imaginação**

poema - EGLÊ MALHEIROS

**Caixa de música**

Conto de ANIBAL NUNES PIRES

**A mulher que passa**

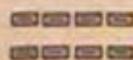
VINICIUS DE MORAES

**Revista**

por HAMILTON V. FERREIRA

# Dei um sôco na janela da imaginação...

Eglê Malheiros



Esse caminho único que amarra, que prende  
Um só pensamento  
Aniquilação  
Fantasmas sempre os mesmos  
Gemidos que até enervam  
Num egoísmo que quer ser dedicação  
A música repetida das neurastenias  
A paisagem estreita da auto-contemplação  
Veio lentamente  
Através dos vidros  
A imagem doutras terras, o som doutro cantar  
O suor, o sangue, o sonho doutra gente  
A angústia de querer  
Um frêmito de vida,  
O calor, o palpitar do viver universal  
E senti sob os dedos o impecilho transparente  
Que é uma proibição.  
Dei um sôco na janela,  
Deixei que fosse confuso  
O panorama interior  
Veio o tango, veio a rumba  
Veio o capricho e a sonata  
Caimi, Beethoven, samba,  
Macumba da mente  
Em candomblés infernais.  
O choro de todos que choram  
Lavou o limo do Eu  
Cantei com os que cantavam  
Encontrei por que lutar  
Um pouco em tudo  
Nunca num porto só,  
Escancarei a imaginação  
Tentando ser compreensiva  
Procurando me dissolver  
Para me realizar.



Diretor

ANIBAL NUNES PIRES

## S U L

Diretor de Redação

OBY F. e S.

REVISTA DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA

ANO I

Florianópolis, fevereiro de 1948

NÚMERO 2

## AUTO-RETRATO DE ROGER MARTIN DU GARD

por PIERRE DESCAVES

(Copyright do Serviço Francês de Informação)

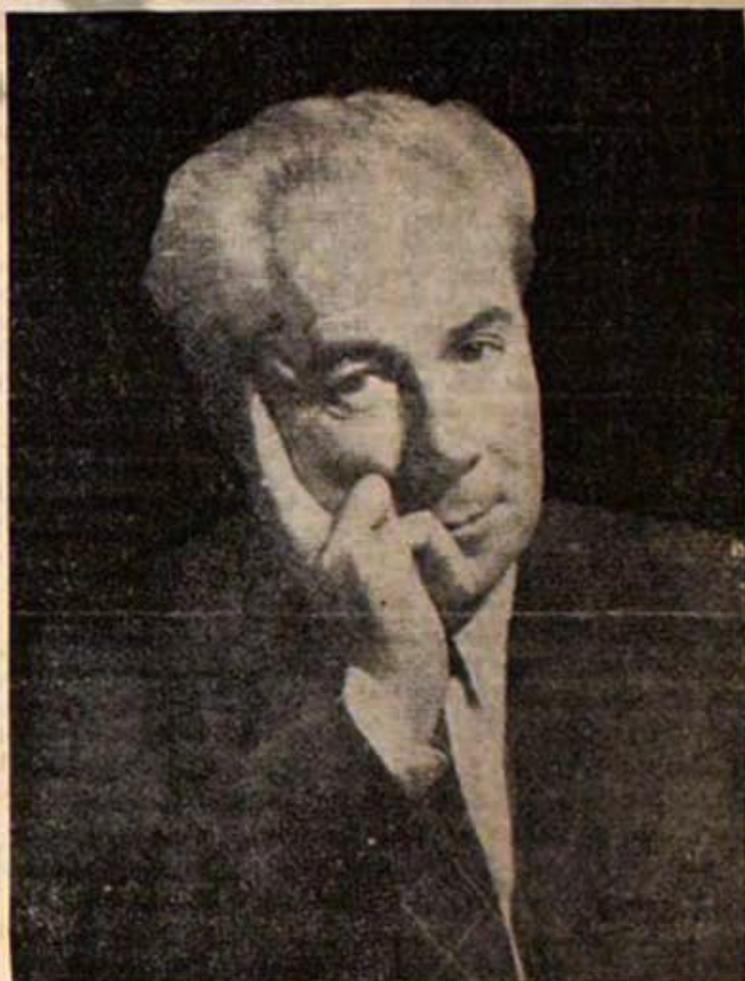
Poucos escritores há que permaneçam, como ROGER MARTIN DU GARD, afastados de quaisquer manifestações literárias. O autor de «Thibault» foge a fotógrafos e a entrevistadores. Quando passa por Paris, consegue despistar os indiscretos com paciência e perseverança, até aqui recompensadas. Em recente recepção, feita pela editora Gallimard, conseguiu escapar a insistentes Kodaks, refugiando-se no vão de uma janela. Só uma circunstância excepcional o obrigaria a uma demonstração pública como aquela em que há pouco tempo assinou um artigo a favor das Bibliotecas dos Sanatórios, em nome da Associação de «La Lecture au Sanatorium», Associação por ele fundada em companhia de alguns amigos, nas vésperas da guerra, afim de remediar a escassez de livros de que se ressentem os doentes dos estabelecimentos de saúde; teve de assistir a uma grande venda de caridade, em benefício de sua Associação, no belo pátio do antigo «Hotel Bochart de Saron».

O poderoso romancista achava-se em excelente forma física, rosto liso e cheio, iluminado por uma bela vida interior, fronte nobremente delineada, andar leve. Laureado com o Prêmio Nobel de Literatura de 1937, é o mesmo em 1946: servidor leal e desinteressado de uma arte a que dedicou toda uma existência de labor intenso.

Em seu primeiro livro: «DEVENIR», publicado em 1908, pôs na boca de um de seus personagens estas palavras sintomáticas, que tão bem lhe quadram: «Faça literatura se quiser, mas, por amor de Deus, não fale nisso... Em qualquer hipótese, não fale antes de haver feito literatura boa e duradoura».

Roger Martin du Gard faz literatura há quase quarenta anos, com admirável consciência, não hesitando em destruir obras manuscritas e até impressos que não lhe satisfazem. É muito difícil conseguir uma fotografia sua! Aqueles que o conhecem sabem perfeitamente que se acha descrito no personagem de um de seus romances — retrato pouco lisongeiro e não sem espírito: «Era feio, duma fealdade ridícula mas simpática. Alto, ombros largos e barrigudo... À primeira vista não se lhe distinguia, no rosto, senão o nariz: um grande nariz, montado no centro dum rosto branco e gordo de revista teatral. Castanhos os cabelos e atirados para trás; o bigode: raro, sublinhava o desenho do lábio superior, enquanto o lábio inferior, carnudo, caía molemente; o queixo dividia-se em dois montes de banha. A impertinência, algo pesada do nariz, a ironia, mais fina dos olhos davam-lhe à fisionomia uma expressão bonachã, que desagradava à primeira vista. Desagradaria mais, se não fosse pela bonomia geral dos traços, particularmente da boca e, sem a expressão do olhar, que possuía uma doçura bastante pessoal».

O retrato é caricato, mas exato, ao que parece, pois o herói deste primeiro romance de Roger Martin du Gard é a imagem «irônica» de seu autor... quando jovem.



Roger Martin du Gard, detentor do prêmio Nobel, autor da monumental obra «Os Thibault» e de outras grandes obras como «O drama de Jean Barois», «Um taciturno», etc. A última obra citada é uma peça de grande vigor literário e altos horizontes artísticos e está sendo trabalhada, com grande afinco, pelo Teatro de Câmara do C.A.M., que a apresentará, brevemente, ao público de Florianópolis.

## Teatro

### Educação do público

por PAUL GUTH

(Copyright do Serviço Francês de Informação)

Tenta o Théâtre du Vieux Colombier transformar o público em crítico. Para isso, organizou o que é denominada leituras—espetáculos. Assisti a uma delas na qualidade de crítico profissional, com alguns colegas.

Apresentou Jean Doat uma cena intermediária entre o verdadeiro espetáculo, solidamente organizado, e a «comédie dell'arte». Sabiam os artistas 3/4 do texto de côr, mas tinham a brochura à mão. De quando em quando, atiravam vistadelas aflitas ao texto.

Tratava-se da «La Comédie de Malotru», de Denise Astruc. A história de um juiz tímido que sua bela vizinha tenta seduzir afim de excitar o ciúme do marido que a engana. Preparava o juiz o seu discurso anual sobre a virtude. Em sua confusão, fez, em vez disso, ante toda a cidade reunida, um discurso sobre o amor. O juiz perdeu a honra. Mas atingira o fim: o marido leviano retornou para junto da esposa.

Nenhuma decoração. Simplesmente, para substituir o balcão de onde a jovem e o juiz têm que falar, estrados, de onde os personagens emergem a meio corpo, atrás dos quais eles se abaixam quando devem sair da cena. Não se baixam as cortinas entre os quadros. Jean Doat que está na sala, limita-se a um grito: «Baixem as cortinas!» o que dá, ao público, a impressão de assistir a uma repetição de trabalho, com palestras em alta voz.

Além disso, os artistas estão em trajes de passeio, sem maquiagem, tal qual como na rua.

Na noite em que estive lá, Denise Astruc escutou, com os artistas, atrás da cortina fechada. Enquanto isso, Jean Doat, aproximando-se ataca o público com perguntas e o excita a falar.

A princípio, ninguém ousa abrir a boca. Mas logo que o primeiro sudacioso fala, seguem-no os demais. Os amigos do autor apoiam a peça até em suas vergas e acolhem, como

(Continua na 3a. página)

## UM MAGO MODERNO: BAUDELAIRE

por A. SIMON

(Copyright do Serviço Francês de Informação)

Uma palavra — seja qual for — constitui sempre um possível encanto. Encontrar a força primitiva do verbo, a magia da palavra, é talvez, a missão do poeta. Para isso, basta-lhe utilizar o rico mundo das relações de imagens e recordações que toda a sensação tende a provocar e que a consciência, ordinariamente, repele. Trata-se de um processo sempre empregado pelos autênticos poetas e do qual os modernos tiraram o melhor partido, os modernos, sob a influência dos simbolistas. A origem deste caráter da poesia de fins do século passado e começos do atual, encontra-se em BAUDELAIRE, nascido há 125 anos, em 1821.

Na sucessão de escolas literárias do século passado, do romantismo ao PARNASO e deste ao simbolismo, se há um poeta, difícil de classificar-se, é ele. Dever-se-á, acaso, a isso o pouco espaço que lhe é consagrado nos manuais de literatura? Supera em tal forma a todos os grupos! Vingam-se dele como podem: os fabricantes de manuais falam pouco deste grande mestre. E o pouco que dizem é mal-humorado. «Baudelaire representa, maravilhosamente, — confessa um deles — o que chamo baixoromantismo, pretenciosamente brutal, macabro, imoral, artificial, embrutecedor.»

Artista poderoso, compreendeu imediatamente Baudelaire, a importância da forma e da elaboração conscienciosa e apurada. Assim, recebeu profunda influência de THÉOPHILE GAUTIER e da teoria da «arte pela arte».

J'UNIS UN COEUR DE NEIGE À LA BLANCHEUR  
DES CYGNES;  
JE HAIS LE MOUVEMENT QUI DEPLACE LES  
LIGNES  
ET JAMAIS JE NE PLEURE ET JAMAIS JE NE RIS

(Um coração de neve à brancura dos cisnes;  
Odeio o movimento que desloca as linhas,  
E jamais choro e jamais rio).

É, pois com justiça que é considerado um dos chefes do Parnaso. Doutro lado, assinalemos, para os que preferem a crítica ao elogio, que a influência de Gautier nem sempre foi feliz a nosso poeta o que se lhe descobre, frequentemente, em imagens prosaicas: «a aurora tiritante vestida de rosa e verde... Paris melancólico esfrega os olhos e empunha as ferramentas...»

Edgard Poe, o grande poeta americano que BAUDELAIRE traduziu para o francês e defendeu contra os filisteus, revelou-lhe uma nova poética de que o trabalho e o requinte são as fontes de inspiração. Mais tarde, reencontramos esta poética em Paul Valéry e em críticos contemporâneos.

É Baudelaire o inspirador do simbolismo, a que acrescentou a música e os perfumes, e sua sensualidade. Baudelaire quase sempre utilizará este poder feitiçeiro dos perfumes para voltar a encontrar o passado e criar o maravilhoso:

Baudelaire, parnasiano pelo culto da forma, é um mago moderno por suas qualidades de feitiçeiro: revive o passado para associá-lo ao presente.

### CLÍNICA DE CRIANÇAS

— do —

### DR. M. S. CAVALCANTI

Residência:

RUA PRESIDENTE COUTINHO, 21

Fone M. 732

Consultório:

RUA SALDANHA MARINHO, 11

Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

## SUL

Revista do Círculo de Arte Moderna

Redação:

R. Feliciano Nunes Pires, 13  
Florianópolis, S. C.

Diretor:

Anibal Nunes Pires

Diretor de Redação:

Ody F. e S.

Gerentes:

Salim Miguel  
Hamilton V. Ferreira

Redatores:

Fúlvio Vieira  
Eglê Malheiros  
Antônio Paladino  
Lory Ballod  
Armando S. Carreirão

Colaboradores:

Jorge Kaszas  
José Tilo Silva  
Cláudio Bousfield Vieira  
Lídia Marinho Callado

Ilustradores:

Alfredo Meyer  
Walter Wendhausen  
Aldo Saganz  
Luiz H. Baptista

Os originais, mesmo não aceitos, ficam na redação.

Todos os artigos são assinados e decorrem, as responsabilidades, de seus autores.

Assinatura por doze números: Cr\$ 24,00

Preço por exemplar:  
Cr\$ 2,00

# Progresso e evolução

Fúlvio Vieira

Cem anos na história da humanidade, é um período relativamente curto. Uma existência, às vezes, chega a ultrapassá-lo.

Sem embargo, nestes últimos cem anos, a ciência deu um salto espetacular, de modo

um ferimento na própria carne, a menor dúvida sobre as qualidades da «obra prima».

Há reação e estabelece-se um exame crítico.

— A peça vacila entre o «vaudeville», a farsa e a comédia a caracter, — exclama um jovem no fundo do camarote.

— A construção é muito fluctuante, e fracos os caracteres — contesta uma jovem tipo de estudante.

— Não conhecem vocês na vida cotidiana, pessoas exatamente iguais às imaginadas pela autora, pergunta indignada uma sua amiga.

— No desenlace final — pergunta Jean Doat — compreende-se suficientemente o apólogo do peno de cozinha que o criado declama?

— Excelente! afirma um. É este apólogo que dá o verdadeiro espírito à peça.

— E não sem tempo! geme Doat. É a última página do texto.

— O apólogo é horrorosamente forçado — sustentam outros.

Contrasta, por sua vulgaridade, com o resto.

Uns gostariam de ouvir o discurso sobre o amor que o juiz pronunciou em vez do discurso sobre a virtude, que deveria fazer. Outros acreditam que a peça, posta em cena de modo mais perfeito, como um verdadeiro espetáculo, produziria mais efeito.

Excelente iniciativa, em suma, que põe em contacto directo, o autor, o «metteur en scene», artistas e público e educa uns e outros. Generalizada, permitiria a um novo teatro de destruir os velhos medalhões e exprimir as necessidades do tempo, sem o que qualquer arte dramática está fadada ao insucesso.

que um indivíduo que viajou de coche, poderá viajar em avião a jacto, numa velocidade superior aos mil quilómetros horários. Há cinquenta anos atrás, uma viagem à Europa ou à China, era qualquer coisa de invulgar, e só uma pessoa privilegiada, realizaria duas viagens desta uma só existência. Hoje, um passeio ao Japão, é para algumas pessoas, mera questão de rotina. O homem conquistou o tempo e o espaço e ainda não se apercebeu disso. A marcha do espírito humano é mais lenta, não acompanhando, assim, esse salto vertiginoso da técnica.

Em nenhum outro período da história houve uma mudança tão brusca, um desnível tão palpável, entre o espírito e a técnica. A ciência se projetou no tempo e a humanidade permaneceu parada, ou avançando em passos lentos. O homem da nossa era não se adaptou às conquistas científicas. Conquistamos o espaço, o tempo e estamos submetendo as forças da natureza aos nossos desígnios, e no entanto, não somos mais super-homens do que o foram nossos avós. Daí essa confusão, esse caos que impera em nossos dias. Somos hoje uns insatisfeitos, procurando na confusão geral que reina, um sentido para a vida, uma luz no horizonte que nos guie, que ilumine o caminho tortuoso e incerto da nossa existência.

Quando se escrever a histórias intelectual destes tempos, nada ressaltará mais, do que a enorme diferença de qualidade entre riqueza das investigações científicas e o pensamento comum nos outros setores da sociedade. Nenhuma outra geração anterior se viu tão perplexa quanto a nossa. O homem de hoje deve procurar realizar a sua adaptação às condições de vida atuais. Mentalmente estamos atrasados quase um século. Devemos compreender que não estamos mais no século XIX, mas sim no século da eletricidade, na era da energia atômica e dos raios cósmicos. É lógico, portanto, que devemos viver conforme a época. Nossa mentalidade tem que se ajustar à nossa era, do

contrário tornar-nos-emos mero anacronismo a atravancar a marcha do progresso.

Também a arte não podera permanecer parada. Ela tende a evoluir paralelamente com a ciência. Na era do automobilismo e da cinematografia, da psicanálise e do socialismo, são outras as concepções de vida, de estética etc. O classicismo, apegado à formas rígidas e severas, personalista e assisado, não satisfaz as necessidades do presente. Não menosprezamos os clássicos, pelo contrário; eles souberam representar a sua época, e por isso sobreviveram. O que não é admissível, porém é o que nos inspiremos nêles para compor obras de arte com temas atuais e que, absolutamente, não os afetaram.

A arte moderna representa o momento atual. O poeta moderno, não mais se encerra na torre de marfim, e de lá, afastado do mundo, canta à lua e às estrelas. Ele, agora, vive entre o povo, sente as suas dores e as suas alegrias, canta e sofre com ele. Foi abandonado o lema «ARS GRATIA ARTIS» e optou-se pela divisa «ARS GRATIA VITAE». Na poesia, o desprezo da forma favoreceu a espontaneidade e a sinceridade. O poeta moderno para externar seus sentimentos, não mais precisa enquadrá-los em gaiolas de ferro.

Na pintura, a reprodução exata da natureza ou o aperfeiçoamento dela era o apanágio das escolas clássicas. Hoje, a aperfeiçoadíssima arte fotográfica faz esse serviço. A pin-

tura moderna é mais sugestiva, e procura, principalmente, mostrar a alma, o estado de espírito do homem. Isto está muito bem expresso na declaração de princípios estéticos de Van Gogh — «Quando pinto o sol, quero que todo mundo o sinta rodando a uma velocidade tremenda, desferindo ondas de luz e calor. Quando pinto um trigo, quero que todo o mundo sinta a luta dos átomos dentro das espigas até o triunfo do amadurecimento. Quando pinto o retrato de um homem procuro captar-lhe a vida toda, tudo o que viu, fez e sofreu. Quando pinto um camponês trabalhando no campo, quero exprimir que ele tem raízes no solo, como o trigo, e que a força da terra o anima. Quero que se sinta o sol entrando no homem, no campo, no trigo, no arado e nos cavalos, e recebendo a força que deles emana».

Assim como a ciência, a arte teve, também, a sua transmutação rápida e brusca. E ante uma obra de arte, temos outra vez, o homem, boquiaberto, estupefato, desnortado. Como não pode acompanhar a rápida evolução da ciência também não conseguiu acompanhar o progresso da arte. E, pouco a pouco, à medida que vamos tomando conhecimento da teoria da relatividade, da física nuclear etc, vamos, igualmente, tendo notícia da existência de um Cândido Portinari e um Salvador Dalí, de um Carlos Drummond de Andrade e um Pablo Neruda. E notamos, surpresos, que a arte deles é mais real, é mais viva, é mais humana.

Qualquer livro...  
(Romance, poesia, religião, técnico)  
de qualquer editora...  
(Nacional ou estrangeira)  
ser-lhe-á fornecido  
(por Reembolso Postal, si quizer)

**LIVRARIA ROSA**

Rua Deodoro, 33 - Florianópolis

## O Festival Shakespeareano na Polônia

*«A arte da representação teatral reside no que há fora da palavra, no que há mais «além-da-palavra». Com efeito, tudo aquilo que se aumenta às palavras, para lhes completar o caráter é o que transforma a declamação do texto em arte do ator. Queremos referir-nos aos movimentos e aos gestos.*

*Os movimentos e os gestos do ator são uma segunda fala, além da linguagem das palavras e devem ser julgados como se julga o texto do dramaturgo. Por exemplo: pode-se verificar se os gestos não são apenas verídicos ou inverídicos, bonitos ou feios, mas também, se são lógicos ou ilógicos, plenos de inteligência ou estúpidos, pode-se ainda distinguir os gestos confusos dos gestos claros, os gestos não articulados dos precisos, desacerclados ou loquazes. E a todos esses gestos se pode contrapor o gesto cheio de sentido, i. é, exprimindo um sentido importante, e exprimindo-o do modo mais adequado.*

*O «além-da-palavra», a linguagem do «além-das-palavras» constitui o domínio, em que o ator completa o autor, o domínio em que o primeiro aplica o resultado de suas próprias pesquisas, o domínio mais atraente da criação do ator».*

Tadeusz Peiper

### OBJETIVOS

Talvez possa parecer estranho que o primeiro festival teatral que se realizou na Polônia Renascida fosse o Festival Shakespeareano. E muita gente mal compreende como um país terrivelmente destruído pela guerra, decorridos poucos anos após a sua libertação, já tivesse pensado em organizar um festival de arte dramática.

Esclareçamos, portanto, este assunto, expondo os objetivos, a que obedeceu a organização do Festival Shakespeareano na Polônia.

A reconstrução da Polónia processa-se no mesmo ritmo acelerado em todos os setores da vida nacional: O renascimento cultural acompanha o intenso renascimento econômico e social. A arte teatral, completamente paralizada durante os anos de ocupação, restaurou-se no país libertado com extraordinária vitalidade. Surgiram nestes três anos novos teatros; cidades da província, que nunca tiveram teatro, orgulham-se hoje de possuir um, e surgiram centenas de teatros amadores graças a ação cultural dos sindicatos, dos grêmios fabris e das associações juvenis. Não se deve esquecer que o teatro sempre constituiu uma arte tradicional na Polónia. Isto já esclarece em parte o assunto. Impõe-se estimular este movimento teatral, que abrange todo o país, dando-lhe um apoio moral, material e artístico. O Festival Shakespeareano suscitou uma emulação útil entre os pequenos teatros da província e interessando os grandes teatros conseguiu uma profunda revisão das forças do teatro polonês, que a guerra dispersou, das suas capacidades e das suas possibilidades para o futuro; revisão que serviu também de lição para os mais jovens e menos perfeitos que os grandes elencos de Varsóvia ou de Lodz.

Tudo isto justifica a realização dum festival teatral. Mas porque Shakespeareano?

O intenso renascimento cultural da Polónia muito deve transformações sociais que se estão verificando no país após a Libertação.

Com efeito, milhões de cidadãos, que nunca antes puderam pensar em arte, hoje constituem o grande público, ávido de instrução e de divertimento cultural. Público porém inexperiente, que desconhece as mais das vezes, a grande arte de Talma.

Era preciso pois, neste primeiro festival teatral, escolher um dramaturgo da maior envergadura, e impunha-se, portanto a escolha de Shakespeare.

### O CONCURSO

Além dos teatros amadores participaram no Festival Shakespeareano dez teatros profissionais. Quasi todas as grandes peças de Shakespeare foram à cena. Os quatro melhores conjuntos vieram à Varsóvia para o final do concurso, após o qual foram distribuídos os valiosos prêmios instituídos pelos ministérios e instituições diversas para o melhor conjunto teatral, os melhores atores, diretores, regisseurs e decoradores. Compareceram também eminentes teatrólogos estrangeiros, destacando-se entre eles os conhecidos shakespeareólogos britânicos J. Brown, A. Nicell, L. Gassen e T. Guthrie.

Classificaram-se como finalistas o Teatro Nacional de Varsóvia, com «Hamlet», o Teatro Nacional de Lodz com «Tempestade», o Teatro Nacional de Silésia com «Sonho de uma noite de verão» e o Teatro «Litoral» de Gdynia com «Como vocês gostam disso». Todas estas quatro representações atingiram nível apreciável.

«COMO VOCÊS GOSTAM DISSO» (teatro «Litoral» de Gdynia) obteve o primeiro prêmio de conjunto. Este sucesso dum teatro de província recém-criado, já justifica claramente o Festival, e é uma garantia de que muitos dos seus objetivos foram alcançados. Aliás, «Como Vocês Gostam Disso» não foi o melhor espetáculo dos quatro. «Tempestade» e «Hamlet» foram superiores. Porém o júri outorgou o prêmio ao teatro «Litoral», como compensação não somente a seu belíssimo esforço, mas também à realização cênica. E essa decisão do júri que poderia ser taxada de injusta, demonstra o espírito com o qual foi promovido o Festival, isto é, de estímulo às atividades teatrais no país.

Note-se de passagem, que embora apresentasse deficiência em comparação com os outros espetáculos, «Como vocês Gostam Disso» teve a seu favor uma interessante e inovadora sugestão cênica: a cena em cena, que é tão comum nas peças de Shakespeare, foi uma cena giratória, o que deu margem a interessantes e rápidos efeitos.

«SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO» (teatro Nacional de Silésia) Nos programas deste espetáculo, o nome do decorador figurava como co-encenador. E com razão. Porque todo o espetáculo se condicionava a decorações de raro valor. Pronaszko, pintor e conhecido decorador teatral, compôs um deslumbrante quadro, de «ferie». «Sonho duma noite de verão» encantou o público por uma verdadeira sinfonia de cores e efeitos plásticos — plasticamente o mundo irreal de fadas foi perfeito, verídico, «real».

# Carioni & Irmão

*Tudo para o automovel*

— Florianópolis —

## DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS  
DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório: RUA TRAJANO, 29

Residência: RUA ALVES DE BRITO, 20

FLORIANÓPOLIS

Pronaszko lançou mão dum recurso ultra-moderno e ao mesmo tempo similar à encenação autêntica das peças de Shakespeare: compôs uma decoração fixa para toda a peça, colocando no palco, segundo as necessidades de ação, «suplementos»; dêste modo o espetáculo, muito rápido, foi marcado por notável vivacidade.

Outro aspecto interessante do espetáculo foi a excelente criação do papel de Puck, desempenhado por um artista homem. O sucesso desse artista é digno de destaque, pelo fato que o papel gracioso de Puck, é geralmente entregue às atrizes.

**HAMLET** (teatro Nacional de Varsóvia) — Todos os recursos científicos e artísticos foram utilizados para a realização dêste imponente espetáculo, que constituiu a apresentação rica e luxuosa de Shakespeare «tal como deve ser» — um Shakespeare, que esmaga os espectadores. Os críticos britânicos, que assistiram à apresentação de «Hamlet» apreciaram-na grandemente porque — reviram o «Hamlet» tal como os grandes teatros o costumam representar.

Mas o «Hamlet» de Varsóvia foi um «Hamlet» novo, enriquecido das experiências de guerra. O intelectual que receia a ação apareceu desta vez como um grande espírito, que recua ante a ação, por escrúpulos morais, que se abatem sobre ele com um peso terrível. O «Hamlet» de Varsóvia foi um «Hamlet» que viveu conflitos «hamletianos» durante cinco anos terríveis de luta incondicional contra o ocupante.

Não fosse esta interpretação original do papel titular, não fosse ainda a bela tradução de Iwaszkiewicz, e o espetáculo teria sido como outro qualquer. Mas assim, resultou notável.

**TEMPESTADE** (teatro Nacional de Lodz) — O conhecido teatrólogo polonês Leon Schiller foi o realizador dêste espetáculo, que, sem dúvida alguma, constituiu o ponto mais alto do Festival Shakespeareano. A encenação original foi o ponto de partida de Schiller, que dividiu a cena em dois níveis: «microcosmos» — das coisas humanas de todos os dias e o «macrocosmos» — o reino de Ariel, onde consegue penetrar o mágico Prospero. Do ponto de vista plástico a decoração fragmentária apoiada num gigantesco «mapa-mundo» que constitui o fundo e enquadrada por sombrios painéis, que contrastam com os trajes pitorescos, produz efeitos surpreendentes (sobretudo graças à simplicidade de recursos). Porém a realização de «Tempestade» por Schiller é uma obra-prima de interpretação e renovação da peça: notemos, em primeiro lugar, a notável passagem graduada da tempestade do mar para a tempestade das almas. Mas, sobretudo, deve-se realçar a clareza e a firme decisão com que Schiller soube construir os personagens de Prospero e Caliban, dando-lhes uma interpretação original e própria: no Prospero de Schiller, os elementos autobiográficos desse personagem são bem visíveis: Prospero é Shakespeare e Prospero é nobre, as suas intenções são puras. E Caliban, Caliban não é um monstro, é um pobre ser irresponsável. Caliban assim «reabilitado» foi aplaudido longamente pelo público, que dêste modo sancionou a interpretação de Schiller.

## O SHAKESPEARE DOS NOSSOS DIAS

O traço comum de todas estas apresentações foi a inovação.

Diz-se comumente que cada época traz o seu Shakespeare. O Shakespeare de 1947 é um Shakespeare que tanto na interpretação, como na apresentação plástica, evoluiu com as experiências da última guerra. O Shakespeare do Festival Shakespeareano da Polónia de 1947, é também o Shakespeare de muitos Europeus de 1947. Um intelectual britânico que esteve em Varsóvia durante o final do concurso, assim resumiu as suas impressões da apresentação de «TEMPESTADE»:

«Sem compreender a lingua polonesa, e sem poder portanto julgar como foi reproduzida a beleza da linguagem de Shakespeare, devo dizer, que o modo de encenar e interpretar a peça, convenceu-me inteiramente de que ela foi compreendida e o espetáculo revestiu-se de rara originalidade e beleza».

*Dar apóio às iniciativas do CÍRCULO DE ARTE MODERNA, através do seu Teatro de Câmera, sua REVISTA e outras atividades que futuramente surgirão, é colaborar com o movimento da nova geração catarinense e lançar o Estado de Santa Catarina nos meios artístico e literários do Brasil.*

**Todo e qualquer livro dirigido a esta Revista, independentemente de crítica assinada, será registrado.**

**Desejamos manter contacto e permuta com outras publicações.**

# Caixa de música

Conto de ANIBAL NUNES PIRES

— Você já votou?  
— Ainda não, vou votar agora.  
— Bem, eu esperarei você para conversarmos um pouco, aqui fora.

José entrou na sala, recebeu o envelope e penetrou na cabine indezessável; voltou logo depois com o envelope fechado e colocou-o na urna. Saiu ao corredor.

— Demorou pouco, vamos sentar aqui neste banco?

— É. Eu já tinha tudo preparado, bastou apenas colocar a cédula no envelope e passar a goma-arábica, aproximou-se do banco e sentou-se ao meu lado. Falava compassadamente e a sua fisionomia era a de quem andava a cata de quem topasse um bate-papo.

— A Abstenção, em todos os Estados, tem sido enorme, não acha você? Todos deveriam votar; não compreendo por que tantos «tão bem dispostos e com saúde», fogem desse dever cívico...

Pensei comigo por que o «tão bem dispostos e com saúde» disse maquinalmente:

— Talvez tenham as suas razões...

— Não creio; a pessoa medianamente educada distingue perfeitamente os direitos, as obrigações e as futilidades.

— Mas nós somos livres...

— Absolutamente, uma pessoa que não conhece os seus direitos não é livre; veja o próprio direito de votar decorre da própria liberdade...

— Que seja assim... Como é; você nunca mais apareceu na praça? Onde esteve?

José mostrou relutância em responder e, depois disse:

— Eu estive num sanatório, no interior do Estado; melhorei um pouco e vim continuar o tratamento com o Dr. Santoro. Ele é especialista em vias respiratórias, pulmões etc.

Soltei um «ah! eu não sabia» mas esforcei-me para que a conversa permanecesse a mais natural possível. Não queria mostrar piedade e nem admiração diante da naturalidade com que José ia relatando os fatos. Ele tinha certeza da sua moléstia mas, no entanto, não se considerava um inútil ou um infeliz. Nem sempre as doenças são características da infelicidade.

— Tenho saído muito pouco e assim mesmo só para ir ao médico. Nós quando não temos saúde compreendemos melhor os homens. Eu tinha muitos amigos, agora eles não me procuram...

— Mas, por certo, eles não sabem!

— Não, sabem sim; você sabe eles tem medo e pensam que nós só queremos compaixão. Mal sabem eles que isso é o único mal que eles nos podem fazer. Muitos nos chamam de desconfiados mas não é assim, os nossos sentidos «é» que se desenvolvem espantosamente, de modo que percebemos as manifestações dos indivíduos e as mínimas contrações de suas fisionomias. Nunca ouviu falar no ouvido do tuberculoso? É uma verdade, nós ouvimos qualquer sussurro.

José experimentou-me com o silêncio que se seguiu e depois falou: Quando estava no hospital do interior fiz amizade com um outro rapaz. Ele ouviu falar dos milagres do Pe. Antônio; tocou-se para Urucânia.

— Voltou melhor?

— Voltou

— Hein?

— Voltou conformado. Ele viu que havia seres humanos em piores condições que nós.

José, vagarosamente, baixava e levantava a cabeça, concordando, em solene respeito, com alguma coisa lá do seu interior e repetia:

—Ele viu seres humanos relegados à condição de répteis. Sabe de uma coisa? Tenho apreendido muito, muito mais do que se estivesse são. Lizo todos os jornais desta cidade, estou a par de todos os assuntos. Observo todas as coisas: «As formigas que andam em fila de um», faço comparações com os homens e termino concluindo que elas são mais fácil de serem compreendidas do que nós mesmos. Pego às vezes, um grão de areia, viro-o e reviro-o, estudando-lhe a côr, a composição, a forma e construo ali um mundo novo, grande, maravilhoso, que nós em condições normais não o compreendemos. Quando estamos doentes construímos mundos diferentes e muito mais interessantes; é uma grande satisfação, porque não dizer é uma felicidade viver nesses mundos. Nós somos construtores de mundos novos. Tudo se agiganta diante dos nossos olhos.

—Mas não acha que...

—Já sei o que vai dizer; não é isso que você pensa. Nós não construímos esses universos, nós não nos ligamos às pequeninas coisas, simplesmente, para nos esquecermos dos males que nos afligem; é porque ali nós somos... nós somos... como que... como que... deuses do mundo. Sabe lá você o que é ser deus num mundo novo? Diga-me, vocês não tem momentos de tédio, momentos em que se desligam do mundo e aborrecem todas as pessoas; momentos em que não querem ver ninguém mas entregar-se aos próprios pensamentos? Nessas ocasiões vocês podem fazer uma idéia, uma pálida idéia do mundo em que nós vivemos.

Eu ouvia José atentamente, preferi não falar; ele sim, precisava, há muito não conversava com ninguém.

—Votei, mas sei que não prestei um serviço a mim mesmo ou à minha pátria. Prestei serviço a vocês, à pátria de vocês. A minha é bem diversa. A minha pátria não tem estados ou municípios, ela é dividida em mundos e eu governo esses mundos. Sou um ditador. Domino todos os setores e todas as situações dos meus personagens, do meu povo, como se manejam os bonecos num teatro de Marionettes. Se eu vivo nessa pátria, com o meu voto, hoje, prestei serviço a mim mesmo? Não! absolutamente não. Um ditador não precisa de votos.

—Meu amigo! Não acha um paradoxo fazer um mundo de doentes para que esse mesmo mundo se torne mais feliz?

—Quando o espírito é forte, perder a saúde não é uma desgraça e sim o alicerce dos mundos novos que lhe falei. Há infelizes pelas ruas que trocam toda a saúde por um momento de paz, por um segundo de satisfação, por um instante de realidade.

— Isso não satisfaz a minha pergunta...

— Resumirei então para terminar pois preciso ir «ao médico». Não estranhe que eu diga «ir ao médico». Explicarei: Você não sabe o que é ficar estirado numa cama, 2, 3, quatro meses, um ano, entregue aos próprios pensamentos, esquecido deste mundo e na construção de outros; esquecido que há estrela, que há luar, que há céu azul além das quatro paredes esverdeadas e o teto branco de um quarto de hospital? Esquecido até do próprio sexo porque o corpo está fragil e o espírito vagueia e se fortalece na amplidão? Eu já esqueci que estou doente, sabe?

José se levantou, afastou-se de mim e, descendo a escadaria gritou-me:

— Não se esqueça para viver é preciso construir mundos e conservá-los e não fazer como vocês que destroem tudo que custou tanto a construir. Lembre-se bem: construir mundos é viver e ter perdido a saúde, durante algum tempo é dar ener-

gias novas e eternas a mente, ao cérebro, aos nossos pensamentos.

Por um instante nada existia para mim, depois sons de um campanário, em que todos os sinos tocavam ao mesmo tempo, se aproximavam progressivamente.

Uma gargalhada esparramou-se pelo corredor e eu tive a impressão que as vibrações intensas do meu cérebro estavam sendo transmitidas ao ar e «aquele boneco do teatro de Joséria de mim. Os sintomas da loucura deveriam ser semelhantes. Os pensamentos dentro da minha cabeça, eram serpentinas e confetis emaranhados num salão de baile de carnaval. E a música tocava: Construir, sofrer, mundos novos, destruir.

Desci as escadas e na rua a caixa de música repetia ainda a mesma melodia:

Mundos novos, construir, viver, sofrer, destruir, destruir, des ruir.

# A INIMIGA

GABRIELA MISTRAL

(Extraído da «Desolación»)

Sonhei que já era terra, que era um metro de terra escura à beira do caminho. Quando passavam, ao entardecer, os carros carregados de feno, o aroma que deixavam no ar agitava-me profundamente recordando-me o campo em que nasci; quando depis passavam os ceifeiros entrelaçados, evocava também; e ao tangerem, chorando, os bronzes crepusculares, minha alma recordava a Deus sob o pó cego.

Junto a mim o solo formava um montãozinho de barro vermelho, com um contorno como de seio de mulher, e eu, pensando que talvez também tivesse alma perguntei-lhe.

— «Quem és tu?»

— «Eu sou, disse, tua inimiga, aquela a quem assim simplesmente, terrivelmente, chamavas tu — a inimiga.»

Respondi-lhe:

— «Eu odiava quando ainda era carne, carne com juventude, carne com orgulho. Mas agora sou pó enegrecido e amo até o cardo que sobre mim cresce e as rodas das carroças que passam, magoando-me.»

— «Eu também já não odeio, disse ela, e sou vermelha como uma ferida, porque padeci, e colocaram-me junto a ti dorque te quizes amar.»

— «Quizera que mais perto de mim estivesse, respondi, sobre meus braços, que nunca te estreitaram.»

— «Quizera, respondeu, que repousasse sobre o meu coração, no lugar do meu coração que sofreu a queimadura do teu ódio.»

Passou um oleiro certa tarde, e sentando-se a descansar, acariciou uma e outra terra docemente...

— «São suaves, disse; são igualmente suaves, embora uma seja escura e a outra sangrenta. Leva-las-ei e farei com elas um vaso.»

Mistrou-nos o oleiro como nada se mistura debaixo do sol, mais do que duas brisas, mais do que duas águas. E nenhum ácido, nenhuma química dos homens teria podido separar-nos.

Quando nos colocou em um forno ardente, alcançamos a cor mais luminosa e mais bela que jamais foi vista: era uma rosa viva de pétalas recém-abertas...

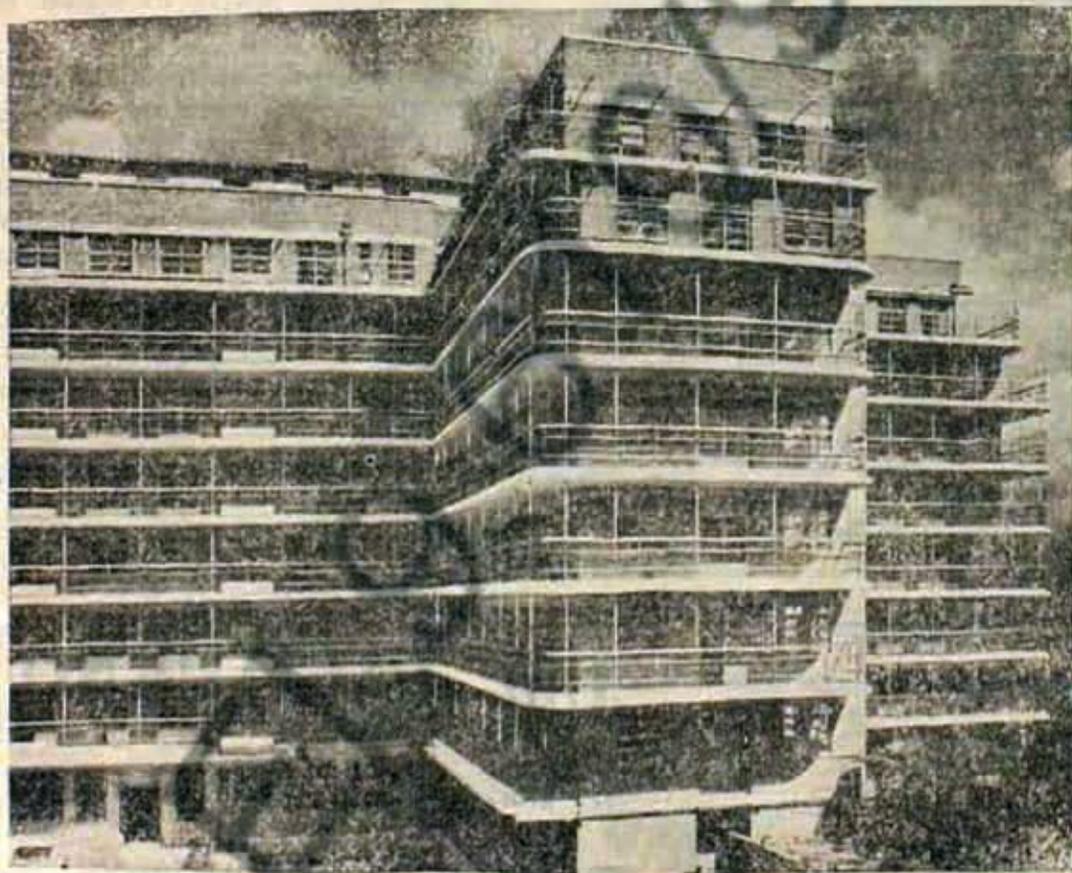
Foi aquele um vaso simples, sem ornatos, sem recortes sem nada que nos separasse. Quando o oleiro o tirou do forno ardente, pensou que aquilo já não era lama, mais sim uma flôr: como Deus, ele havia conseguido criar uma flôr!

E o vaso dulcificava a água a ponto de que o homem que o comprou gostava de derramar nele os sucos mais amargos, o obsinto, a cicuta, para recolhê-los depois melificados. E se a alma do próprio Caim tivesse podido mergulhar no vaso, teria ascendido dele como um favo gotejante de mal...

## Relojoaria GOMES

VENDE SEMPRE POR MENOS

Rua Felipe Schmidt, 42 A  
FLORIANÓPOLIS



Um dos melhores exemplos, de antes da guerra, da moderna arquitetura na Grã-Bretanha: o Hospital para Crianças «Great Ormond Street» em Londres.

BRITISH NEWS SERVICE

# Hamlet versus Hamlet

por PABLO DE PALMA

(COPYRIGHT DO SERVIÇO FRANCÊS DE INFORMAÇÃO)

Quis a imortalidade que o destino do infeliz príncipe da Dinamarca —segundo Shakespeare— não se visse livre de novas peripécias, as mais inesperadas e paradoxais. Tal como, por exemplo, a de encontrar-se, numa situação de auto-rivalidade. Não há dúvida que ser imortal tem também suas desvantagens...

Segundo todos os indícios —na próxima temporada teatral parisiense se apresentará um espetáculo realmente imprevisível: um duelo ou torneio em que intervirão dois campeões e apenas um único protagonista: Hamlet.

Deve-se tão singular competição, ao sr. André Obey —administrador da «Comédie Française»— que, ao saber do projeto de Jean-Louis Barrault de montar, no Teatro Marigny, a adaptação do *Hamlet*, de Shakespeare, feita por André Gide, decidiu responder ao que considera um desafio, confiando a Marcel Pagnol, «da Academia Francesa», a tarefa de adaptar a mesma peça imortal afim de representá-la no palco da Casa de Molière.

O fato presta-se a conjecturas. Não com respeito a *Hamlet*... A vitória de *Hamlet* está fora de dúvida. Mas quanto aos competidores...

A carreira de Jean-Louis Barrault, como diretor de cena, iniciou-se há dez anos, no teatro Atelier, com «Autour d'une mère», peça dramática inspirada em «Enquanto agonizo», novela de W Faulkner. Desde então trabalhou Barrault sob a direção de Dullin, imbuindo-se, cada vez mais, da idéia de que a renovação teatral de Jacques Copeau havia apenas alcançado a arte da decoração, a técnica da iluminação, a apresentação da obra, não elevando porém, à sua plenitude, a grandeza dos gestos. O ator tanto é como voz; o gesto tem a mesma importância que as inflexões da voz. E, como todo os renovadores, Barrault aplicou sua teoria ao extremo: «Autour d'une mère» foi uma representação quase muda.

Com. Ind. Fett Ltda.  
Industriais e Exportadores  
P I N H O  
BRUTO — BENEFICIADO — CAIXARIA  
Escritório: Rua 24 de Maio, 246 - Caixa Postal, 16  
Florianópolis  
Fábrica: CAMBIRELA

Anos depois, afastou-se do Teatro, para trabalhar no cinema, mas a ele voltou (1937) para apresentar «Numância», de Cervantes, no palco do teatro Antoine, com decoração e vestuário de André Masson. Obteve estrondoso sucesso. Em abril de 1939, Barrault representou no Atelier, «Faim», adaptação dramática inspirada numa novela de Knut Hamsun. Depois veio a guerra. O artista ingressou na «Comédie Française»; durante sua permanência nesta instituição, dirigiu a «mise-en-scène» de «Os Suplicantes», representada no estadiun Roland Garros, e montou, na própria «Comédie Française» a versão gideana de «Antonio e Cleopatra» de Shakespeare, obra apresentada no ano passado, e que constituiu um dos maiores triunfos de Barrault. A crítica considera-o «um dos maiores poetas de nossos tempos».

Quanto a Marcel Pagnol, «quem ignora os êxitos teatrais e cinematográficos do autor de «Jazz», «Topazio» e «A mulher do padeiro»?

O antigo professor do liceu de Aix-en-Provence, e atualmente membro da corporação dos «imortais», é «especialista» em triunfos. Seu talento, justamente por ser indiscutível, é temido.

Entre esses dois campeões, quem será o vencedor? Quem o vencido? Optamos, prudentemente, por um vitorioso empate.

*Aguardem!*

## UM TACITURNO

três atos de ROGER MARTIN DU GARD

Mais uma apresentação do

Círculo de Arte Moderna

## MARÇAL

Um café superior, para o seu paladar apurado

Fabricante: A. LISBOA

BIGUAÇU — STA. CATARINA

À venda nas boas casas do ramo



# Lima Barreto, um escritor quase desconhecido

Salim Miguel

Chega-nos a notícia, bastante auspiciosa aliás, de que uma editôra do Rio pretende editar toda a obra de Lima Barreto. Nada mais justo. E é o caso de se dizer «já vem tarde».

Lima Barreto é um dos maiores romancistas brasileiros de todos os tempos. Sem favor algum. E é também um dos menos compreendidos e conhecidos. Até há pouco, raros eram os que lhe conheciam a obra. E somente agora é que nossos críticos literários estão lhe dando o lugar que merece nas letras pátrias e lhe estudando com mais carinho os seus livros. O público, verdade seja dita, já se está interessando mais pelos seus livros. Mas ainda não é bastante. Lima Barreto, este artista curioso, mulato genial, merece muito mais.

Ninguém melhor do que ele soube fixar o Rio de Janeiro de seu tempo. Ninguém melhor do que ele nos apresenta, hoje, os costumes de uma época, com seus personagens tão reais, tão humanos.

Lima Barreto foi escritor por excelência dos bairros cariocas, com seus tipos, seus tiques, seus modismos. Ele soube captar com fidelidade a alma da cidade e transportá-la para seus livros, tão ricos de vida, de sensibilidade. Toda aquela humanidade que povoa seus livros, é de gente viva, que sofre, que se esfalfa, que luta. E que sorri raramente. Um sorriso irônico e triste, pessimista. São funcionários humildes, serventes, estudantes, comerciários, jornalistas em embrião, que a cidade absorve e modela. Suas intriguinhas, a vida humilde que levam, os trabalhos, as alegrias pequeninas, são vistas com um olhar agudo, pelo artista. Às vezes ele é amargo. Nunca, porém, satírico, ferino. Sempre humano.

Somente Manoel Antônio de Almeida, antes e Marques Rebelo, depois, estudaram o Rio com tanta simpatia quanto Lima Barreto.

«Recordações do Escrivão Isaias Caminha», «Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá», «Triste fim de Policarpo Quaresma», são os principais livros de Lima Barreto. De seus contos, basta citar um: «O homem que sabia Javanês», verdadeira obra prima. (Este conto foi selecionado, num concurso realizado pela Revista Acadêmica e no qual votaram os maiores vultos da literatura nacional, como um dos 10 maiores já escritos no Brasil).

O estilo de Lima Barreto é um tanto frouxo. Sua linguagem um pouco desleixada. Notam-se vacilações, na urdidura da história. O autor dá a impressão de alguém que tem pressa de acabar. Por

isto escapam-lhe, muitas vezes, períodos inteiros mal construídos, confusos. Mas, que capacidade, no fixar com um traço, com raras linhas, um tipo. Que humanidade, que compreensão da vida, que artista de «dia-a-dia», de homem simples. Suas falhas desaparecem ante o valor «cem por cento» de arte humana. Seus próprios erros, dão como que mais valor à obra, impregnada de grande calor humano. Não tem Lima Barreto, a frieza, a dureza de um Machado de Assis. Machado de Assis burilador, perfeito construtor da frase, quase desumano no analisar seus personagens, é, no dizer do grande Mário de Andrade, «um artista que a gente admira, porém, não é capaz de amar.» Lima Barreto, não. Lima Barreto, justamente por suas falhas, parece estar mais perto de nós, ser mais humano, mais nosso. Conversariamos com ele, discutiríamos com ele, «brigariamos amavelmente» com ele. Lima Barreto é um ser igual a nós, com defeitos e valores. Machado de Assis é um ídolo, impessoal, frio. Com ele só usaríamos o senhor. O tratamento com ele, seria sempre muito sério, muito circunspeto, muito de mestre pra com aluno.

Lima Barreto, já o dissemos, é amargo. É triste. É irônico. É desiludido. Seus personagens são sempre desajustados do meio social, vítimas mesmo da sociedade, do meio ambiente em que vivem, incompreendidos, vencidos, sonhadores utópicos às vezes.

Os livros de Lima Barreto têm a amarga e bela tristeza da vida. Lima Barreto gosta mais, fala com mais carinho da cidade do que de seus habitantes. Ele dá-nos a impressão de que «esses» habitantes a enfeiam, a maculam. Mas, sem eles, a cidade não viveria. E aí está o entrechoque do autor. E aí está o contraste. E desse entrechoque, e desse contraste, saem estes livros tão plenos de vida, da doce e amarga vida.

Dia virá em que Lima Barreto, o mulato genial, não será mais o escritor quase desconhecido e terá o lugar que bem merece na literatura nacional.

AVIAMENTO DE RECEITAS,  
FEITO COM TODO CUIDADO  
E SEMPRE POR PREÇOS SEM  
CONCURRENCIA.

na **FARMACIA MODERNA**

de **EDUARDO SANTOS**

Rua João Pinto, 4 - Telefone, 1375

**FLORIANÓPOLIS**

*Sul comemorará no próximo número o cincoentenário do falecimento do poeta catariense: Cruz e Souza*

# REVISTA

HAMILTON V. FERREIRA

## Joaquim

Quinze. Quinze agradecimentos a *Dallon Trevisan* pela remessa que nós fiz dos quinze números de *Joaquim*. Já não serão só os eleitos que conseguirão caçar um exemplar de *Joaquim* na manada de revistas brutas que correm em tropel aí afora. E, com os agradecimentos, o pedido de contato.

## Carta

Em abril do ano passado, nos escrevia *Justino Martins*: «Quero agradecer suas palavras de admiração pela revista do *Globo* e desejar-lhes felicidades com a revista que pretendem

lançar em Florianópolis. Estarei sempre à sua disposição para qualquer consulta de ordem técnica... E sejam democratas livres, que esse é o verdadeiro caminho para a identificação com o povo. Um abraço do *Justino Martins*».

Certas virgindades pudoras impediram *Justino Martins* de ir para *Siracusa*, na pátria do plano Marshall e ele foi para *Siracusa*, na pátria de *Dante*. Está longe, mas perto de nós, pela admiração e o agradecimento. Faremos o possível para seguir o conselho e corresponder ao abraço.

## Espera

— Já está tardando... Será a madrugada? O canto fes-

tivo do primeiro pássaro que desperta? O jornal repleto de novidades! A carta do amigo distante? A alegria de uma surpresa? A dor de uma decepção? O vestido novo? A fruta saborosa colhida na árvore? O crepúsculo? A noite? Nada... Só na espera do amor existe sossego.

(Do «Diário de Notícias»)

## Vai haver teatro

Sim, *Um Taciturno* será encenado em abril, pelo *Círculo de Arte Moderna*, apesar dos que não acreditam nestas coisas. É por isso que a casa da *Eglê* anda aos pandarecos, virada malucamente em teatro de ensaios, com vermute e ilustrações de *Delacroix*, para se

beber e olhar, respectivamente, nas pausas.

E vai haver teatro, apesar do paleozóico ambiente do «Teatro» *Altaro de Carvalho*. Mas, é certo que «um dia a casa cai» e o *Prefeito* já nos anda a prometer casa nova.

## Antonio Fontes

*Antonio Fontes* andou por aqui, depois de sua aventura no *Irapuru*, foi para o Rio e deuse a conhecer no *Teatro do Estudante* e coisas tais. Agora nós o conhecemos, e ele a nós, e irá fazer mais contacto, desta vez com os grandes.

«Tenho certeza de que sou um ótimo fotógrafo; a minha grande dificuldade é a máquina; ela não me entende!»

## NAVIO DE RUMO CERTO

Na distância remota de nossa banca de Jornais, chegaram *Ivone Jean*, nova e vibrante, a nos contar da aventura do navio de arte que *Pascoal Carlos Magno* souhou. E nos quedamos a ler sobre este fantástico navio do capitão *Pascoal Carlos Magno*.

Em todas as realizações do capitão do *Teatro do Estudante*, sempre se notou a presença do novo, do inédito, do grandioso, do impossível realizado. E, agora, depois do sonho do *Namlet* que criou o grande *Sérgio Cardoso* já na máxima instância do teatro e antes do sonho da *Escola Dramática* que se projetará em vigília ainda este ano, agora, *Ivone Jean* nos leva para bordo deste navio sonhado e não-lo descreve em coloridos e magia e nos diz quem viajará: «*Pascoal Carlos Magno*, o capitão maluco, e sua tripulação de moços. Com seus jovens comandados, amigos da arte e da cultura, seguirá o navio, em viagem de estudo e difusão, levando a mais preciosa bagagem de arte, literatura e cultura do Brasil dos moços.

Deixemos que o próprio capitão nos descreva essa côrte: — «No navio, viajará o *Teatro de Estudante*, levarei *Ofélia* e *Hamlet*. Levarei os príncipes, os cortejãos, os coveiros. Levarei também outros heróis, personagens do *Auto de El Rei Seleuco*, de *Camões*, dos *Autos de Gil Vicente* e *Antigone*, e *A Castro* e *Romeu e Julieta*.

— Também *Tartuffe*, que *Sérgio Cardoso* tanto gostaria de encarnar!

— Também *Tartuffe* de *Molière*!

— Quem mais subirá no seu navio, capitão?

— Levarei as crianças do conjunto *Coreográfico Brasileiro*. *Orlando* e *Yelê*, *Teresa*, *Nilton* e *Amélia*, e todos os outros.

— Dançando o milagre da ceguinha que *Nossa Senhora do Bonfim* curou, na entrada de uma verdadeira igreja baiana, e o *Irapuru* encantar as populações que conhecem verdadeiras florestas!

— Certamente trabalharão muito ao ar livre!

— Quem mais subirá no seu navio, capitão?

— Levarei o *Coral Lutécia*, dirigido por d. *Alda Pereira Pinto*, para pue haja música no meu navio, ao lado da dança e do teatro.

— Quem mais subirá no seu navio, capitão?

Levarei um grupo que dará um curso-relâmpago às professoras das escolas. Ensinar-lhes-á em 14 aulas, dadas em 7 dias a confeccionar bonecos e construir um teatro de fantoches.

— Quem mais subirá no seu navio, capitão?

— Levarei três estudantes de direito e três de medicina que percorrerão o interior para explicar às populações assuntos como o voto, a luta contra as epidemias, a educação, etc., etc., etc.

— Não vai me dizer que além deste mundo de gente ainda vai levar outros ETC., do seu navio, capitão?

— Levarei quadros da *Pinacoteca*, uma coleção de livros educativos, fitas do «*Instituto do Cinema Educativo*», para exibir em fabricas, oficinas, escolas. E o *Teatro do Estudante* publicará uma brochura sobre a vantagem de cada escola secundária ter seu grupo dramático e orientação sobre escolha de peças. O *Boletim* será distribuído nos Estados à medida que os visitarmos. Como teremos diversos grupos, estes se irão espalhando. Enquanto estivermos em Natal, por exemplo, parte dos meus artistas irá a *Teresina*. E assim por diante.

É assim o navio fantástico do capitão *Pascoal Carlos Magno* e por isto compreendemos logo sua significação e seu triunfo. Encontrará, nos portos onde abicar com sua mensagem de amizade e de arte, a espera ansiosa dos que lhe acompanharão a rota e as peripécias da viagem, e que estarão de cabos e cordas para prendê-lo ao porto. Será sempre esperado por todos os que há tempo, vêm lendo os triunfos dos moços artistas, contentes por sabê-los vitoriosos na luta da renovação e fiéis à destinação cultural do Brasil da hora presente que ressurge, no sangue de sua Juventude, da letargia de 15 anos de modorra e negação.

O navio partirá em maio enfunado de esperanças, por todas as palavras de aprovação dos que compreendem, o que ele representará. Ávidos ficaremos, a observar a esteira que há de abrir, bem viva, nos nossos oceanos bravios. É que navegará nesse mar de tantas ondas e cachopos, símbolos do antigo e do decrépito, que tentam inutilmente, abalroar as naus novas e ageis que os moços estão construindo. Dessas naus sem aquela profusão de «marras e bandeirinhas atornentadoras que mascaram o desmantelamento dos navios de idéia velha.

Mas o capitão tendencioso, leva-lo-á para o norte, à vela *Manaos*, pelas costas da terra do sol sobre as palmeiras; É um navio de rumo certo: irá ao norte: irá em maio. E na expectativa da tormenta que lhe mude a rota, a formular felicidades no preparo da partida, atentos às notícias e contentes com os progressos, esperando nossa vés, aqui ficamos, no SUL.

# Três histórias sem fim...

Paradoxo teatral em um ato por Ody F. e S.

## CENÁRIO

A cena deverá ser montada em três partes distintas, não havendo entre elas, porém, senão uma divisão intelectual. À direita vê-se uma sala de estar confortável. O prolongamento da sala será uma rua e o prolongamento da rua um jardim. Quem puder que entenda, eu rou me arranjando.

## PERSONAGENS

Os personagens são três. Veem-se em um campo visual lógico, mas, dentro da peça, um não tem nada a ver com o outro. Cada um fala sozinho e para si. Cada um tem a sua loucura e taras peculiares. Um nada tem a ver com o outro, e não se imiscuem. A peça não passa de um monólogo triplice. São tres monólogos independentes, sendo a história, no fundo paradoxal, inverossímil e, por isso mesmo, bastante real. Os personagens são os seguintes: Na sala de estar uma mulher, ainda moça, que espera o amante. Usa trajes de dormir e fuma intermitentemente. Na rua um cidadão qualquer a espera de outro cidadão qualquer. No jardim um pobre diabo que não tem onde dormir. Quando um personagem fala os outros ficam imóveis, na posição onde terminaram suas frases.

## CENA ÚNICA

A ação deve passar-se à noite. Não há hora precisa, qualquer uma serve. Quando sobe o pano a mulher e o cidadão do jardim já estão em cena. O outro personagem, por motivo a nós desconhecido, chega um pouco tarde, mas não perde nada da ação que irá ser desenvolvida.

MULHER — Será que o Paulo não virá hoje?

HOMEM do JARDIM — Bem, esperemos um pouco para nos recolhermos aos nossos aposentos particulares.

MULHER — Se ele demorar um pouco mais estará tudo estragado. Meu marido chegará antes.

HOMEM do JARDIM — Estes hotéis públicos são tão incômodos.

MULHER — Já estou cansada e a cama está tão convidativa. Tão macia.

HOMEM do JARDIM — O dia hoje foi duro. «As defesas» escassas.

MULHER — Paulo! (chama alto) Paulo! Paulo! (continua a chamar).

HOMEM da RUA — (Entra afobado do fundo da cena, dentro dos limites que lhe estão destinados. Vem assim depressa, mas não tem nada a ver com o Paulo da mulher. Para na boca da cena, caso contrário sairia do palco e isto é feio para o personagem de uma peça). Quase que chego atrasado. O homem ainda não chegou. Bem, esperemos um pouco.

MULHER — A vida é interessante!

HOMEM da RUA — A vida não é má!

HOMEM do JARDIM — A vida é estúpida!

MULHER — Tenho marido e amante. Gosto muitíssimo de meu marido, mas é tão excitante ter um amante. Tão característico de elegância. E depois é um tanto perigoso. — (meditativa) — Como é delicioso o perigo.

HOMEM da RUA — Tenho uma esposa e uma amante. Gosto de minha esposa; mas não posso andar fora da moda.

Minha esposa, será fiel? Sim, deve ser. Claro que é. A esposa do Mário é tão sensual e como gosta de mim. — (olha o relógio, se o tiver) — Será que este desgraçado não vem?

HOMEM do JARDIM — Tanta mulher no mundo e eu só consegui arranjar este banco duro. Há alguma coisa errada, nesta porcaria toda. Este tal de Deus ou é burro ou é cretino.

MULHER — Oh! Como desejaria ter o Paulo em meus braços agora. É tão bonito, tão meigo... — (Passeia dentro dos seus limites meditando.) — Amanhã faço aniversário de casamento. Qual será o presente do José? É um amor este meu marido. — (Um relógio qualquer bate uma hora qualquer, aquela que ele esteja disposto a assinalar.) — Oh! Paulo! Como me irritas. Porque demoras tanto?

HOMEM da RUA — Será que o raio deste homem não vem? Não posso passar outro dia sem a minha dose de cocaína. Amanhã terei uma reunião da «Liga da Pureza», pretendo fazer um discurso contra o vício. Vai ser um discurso extraordinário. Doze páginas datilografadas a um espaço. O Carlos ajudou-me a procurar palavras bonitas no Cândido de Figueiredo. O meu cartaz vai subir. É possível que eu consiga, com o discurso, a tesouraria do movimento anti-alcoolico da liga. Uma «mamata» daquelas.

HOMEM do JARDIM — O mal das coisas são as definições. Temos o péssimo costume de definir e catalogar tudo. O meu caso pelo menos é bonito — (Falando com vagar) — Desajustado social. Idiota! Gastam tanto latim e não compreendem estar me faltando apenas uma oportunidade como ser humano. (com ironia) — Desajustado Social. Isto até parece sinônimo de cidadão sem direito de nascer.

MULHER — (Continuando a passear) — A vida é tão boa! Tão fácil! O José ganha tanto e me ama muito e eu o quero muitíssimo. (Pausa) Carlos! Será que irei passar outra noite só dormindo com o José? É torturante esta falta de variação.

HOMEM da RUA — Como é deliciosa a cocaína. Mais sensual, mais dolente do que uma mulher balzaquiana. Sonhos! Doces sonhos! Entorpecimento sensorial. Sonho! Delicioso sonho!

HOMEM do JARDIM — A vida tem vários sentidos. Várias estradas. Aspectos diversos. O homem é um animal suficientemente estúpido para exageradamente gozar apenas um destes aspectos. Eu só sinto uma tendência da vida em sua plenitude. Só sigo um caminho. É um imperativo, não é vontade. Dos varios sentidos da vida, para mim só existe um: o do estomago. E como é miserável, mesquinho e degradante.

MULHER — Amanhã dedicarei o dia para os festejos do aniversário de meu casamento. Insistirei com José para que convide alguns de nossos amigos íntimos ao jantar. O Antonio Carlos, meu primeiro amante. O Geraldo, meu segundo amante e o Paulo. São todos grandes amigos de meu marido e como admiram o meu querido Zezinho. Será um jantar na intimidade. Zezinho ficará contente em convidar os amigos íntimos da família.

HOMEM da RUA — (em tom oratório) — O vício é o maior mal da nossa sociedade. É preciso que os espíritos fortemente alicerçados nos fundamentos cristãos e nos sólidos princípios éticos da igreja, levem sua mensagem de fé aos devassos. Com ajuda do Deus celestial e tendo por arma a Cruz de Cristo e seu profundo amor à humanidade venceremos o mal! «É bicho sôô...» É tira e queda, vou pegar aquela tesouraria em três tempos. Mas este homem já está me deixando nervoso. Cocaína! AH! Cocaína.

**HOMEM do JARDIM** — Cristo foi traído. Seu nome não passa de um pejorativo. (*simulando*) — Pensas que sou algum Cristo? Quantos são os que dizem isto no mesmo sentido de: meu algum Pato? Eis a correlação da sociedade atual para Cristo: Pato, Cristo e Pato. Pato e Cristo.

**MULHER** — Paulo! Paulo! Vem antes que a peça termine. — (*pausa*) — Amanhã, durante o jantar, usarei um vestido branco. Me casei de branco e será bastante belo usar esta cor no dia do aniversário de meu casamento. O branco é uma cor tão pura! Tão angelical!

**HOMEM da RUA** — Como é doce sentir o entorpecimento da cocaina. Quantas imagens. Que requintes de sensualismo. Entorpecimento vago, distante. Bem distante. Voltas, mil voltas. Sonhos, mil sonhos. — (*acende um cigarro nervosamente*) — É impossível não vir hoje. Pago-o tão bem. Tenho tanta necessidade desta cocaina.

**HOMEM do JARDIM** — A nossa sociedade atual não passa de um conglomerado de pervertidos. Homossexuais e lésbicas são comuns. Há milhares dos que não se contentam com as relações normais. Precisam descer aos mais exaltantes métodos sensoriais. Embedem-se e usam toda espécie de entorpecentes. Jogam. Gozam a vida destes bons burgueses. Se eles soubessem o que é viver. Se por acaso viessem a saber o que seja a «angústia essencial», como dizem os existencialistas. E, sobretudo, não sabem ser pervertidos. A perversão lógica está circunscrita ao meio dos estetas. Só um esteta pode ser um autêntico pervertido, porque só ele pode penetrar a sua abstrata e subjetiva essência do belo. A perversão e a apreciação artística da burguesia não passam de emanações da «metafísica», de Proust. O maior atentado contra a arte é a força que exerce, sobre ela, o dinheiro, e conseqüente mau gosto, da burguesia, rica e analfabeta.

**MULHER** — (*bocejando*) — Paulo! Paulo! Estou com sono. Minha parte na peça vai terminar e tu não aparecestes. Vou arrumar outro amante para suprir as tuas constantes faltas. — (*outro bocejo*) — Que sono! Vou dormir. Dormi profundamente. Sonhar! — (*Dirige-se para uma porta qualquer, caso hajam portas em cena. Mas ao por a mão na maçaneta para. Medita um pouco. Volta, aventa-se na poltrona, acende um cigarro. Não fala mais. Nunca mais*)

**HOMEM da RUA** — Ele não vem mais... Amanhã terei grande dificuldade em fazer o meu discurso na «Liga da Pureza». Dois dias sem cocaina. Bem, vou esperar mais meia hora. Só meia hora. — (*Sai andando e perde-se no fim da rua, não voltando mais, nunca mais.*)

**HOMEM do JARDIM** — A vida tem uma força motriz intrínseca. Não possui controle. Apenas impulsiona, impulsiona... mais e mais. A minha força-motriz está me levando de arrastão. Qualquer dia arrebeito o nariz contra alguma parede. — (*Pausa*) — Bem, é hora de nos recolhermos. O banco é muito duro, mas o céu é profundo... imensamente profundo. — (*Aruma o banco, como se estivesse arrumando uma cama imaginária. Levanta-se e sai andando perdendo-se dentro do jardim. Para sempre. Para sempre.*)

P A N O

(Todos os direitos exclusivos do Círculo de Arte Moderna)

## LIVRARIA MODERNA

- de -

**PEDRO XAVIER & CIA.**

dispõe de variado sortimento de material escolar, livros didáticos, papelaria e artigos de escritório em geral.

Rua Felipe Schmidt, 8

**FLORIANÓPOLIS**

O próximo número será dedicado ao gênio negro da poesia brasileira:

## Cruz e Souza

.....

Todo e qualquer livro dirigido a esta Revista, independentemente de crítica assinada, será registrado.

.....

Desejamos manter contacto e permuta com outras publicações.

.....

## Notícias bibliográficas

(Sob os auspícios da Livraria Rosa - rua Deodoro, 33 - Florianópolis)

por J. T. ROSA JUNIOR

Teria sido «MESSALINA» a cortezá dissoluta e sensual que a história fustiga e condena, fazendo-a merecedora do título de Meretriz Augusta? A resposta definitiva a essa e outras indagações sobre fatos do reinado de Claudius, encontram-se na obra de H. Staldemann, recentemente editada pela Livraria Progresso Editora, da Bahia.

•

«UM MINUTO DE ADOLESCÊNCIA», é a singela história de um primeiro amor... Contém uma estréia animadora. Lê-se com prazer. Seu autor é Mário Garcia Paiva. Editou-o a Livraria Agir.

•

«RETRATO DE D. QUIXOTE», por Nelson Omega, Para comemorar o 4º Centenário de D. Quixote a Editora Brasiliense acaba de lançar este estudo, em que o jovem professor e jornalista pretende expôr, sob luz original, vários aspectos da obra de Cervantes.

## Restaurante do Clube 12 de Agosto

Perfeito serviço de cozinha

Vinhos nacionais e estrangeiros

Higiene - Conforto - Distinção

Arrendatário: JOÃO S. GONÇALVES

FLORIANÓPOLIS - STA. CATARINA

# A mulher que passa

de Vinicius de Moraes

(Ilustração de ALFREDO MEYER)



Meu Deus, eu quero a mulher que passa.  
Seu dorso frio é um campo de lírios.  
Têm sete côres nos seus cabelos,  
sete esperanças na boca fresca

Oh! como és linda, mulher que passas,  
que me sacias e me suplicas,  
dentro das noites, dentro dos dias!

Teus sentimentos são poesia.  
Teus sofrimentos, melancolia.  
Teus pelos leves á relva boa  
compararia.  
Teus braços loucos são cisnes mansos  
longe das vozes da ventania.

Meu Deus, eu quero a mulher que passa!

Como te adoro, mulher que passas,  
que vens e passas, que me sacias,  
dentro das noites dentro dos dias!

Por que me faltas, si te procuro?  
Por que me odeias quando te juro  
que te perdia si me encontravas  
e me encontrava si te perdia?  
Por que não voltas, mulher que passas?  
Por que não enches a minha vida?  
Por que não voltas, mulher querida,  
sempre perdida, nunca encontrada?  
Por que não voltas à minha vida,  
para o que sofro não ser desgraça?

Meu Deus, eu quero a mulher que passa.  
Eu quero-a agora, sem mais demora,  
a minha amada mulher que passa!

No santo nome do teu martirio,  
do teu martirio que nunca cessa,  
meu Deus, eu quero, quero depressa  
a minha amada mulher que passa!

Que fica e passa, que pacífica,  
que é tanto pura como devassa,  
que boia leve como a cortiça  
e têm raízes como a fumaça.

# P'ra início de conversa

# "Como foi perdida a paz"

Salim Miguel

Há dias, conversando com um amigo, discutíamos o grau de desinteresse da juventude pelas questões de Arte. É uma lassidão, u'a má fé, um «que-me-importismo» estranho e enervante. Ninguém se preocupa com as coisas do espírito, ninguém trata de se ilustrar, ninguém quer saber de cultura. E os poucos que se aplicam, que procuram aprofundar seus conhecimentos, que olham com mais atenção para o mundo que os rodeia e para dentro de si mesmos, procurando uma fórmula, uma explicação — ou mesmo não procurando nada, simplesmente olhando — são tidos como «aves-raras».

Comentando o fato, meu amigo teve uma frase curiosa. É verdadeira. Chamou a nossa mocidade de hoje de «Mocidade Gibi».

Sim, porque por mais ridículo que pareça, friou meu amigo, a «cultura» da maioria da mocidade, é uma «cultura» à base de Gibis. Gibis, futebol e cinema americano, é bom não esquecer. Quando muito, avançam até o romance de aventuras e folheiam uma que outra revista. É preciso, porém, que a revista tenha muitas ilustrações. (Se forem de artistas de cinema e de maô, muito melhor).

Não queremos, de maneira alguma, dizer que as gerações que nos antecederam, foram melhores. Se não tinham Gibis e que tais, tinham similares. O que vem a dar no mesmo. Mas nossa época é muito diferente e a cultura está muito generalizada, divulgada. Temos facilidades, que os antigos não tinham. Se bem que também o número de coisas a aprender tenha aumentado muito, isto não nos serve de desculpa. A par com o número de coisas a aprender, temos as facilidades que as sobrepujam. Por isto mesmo, se não aprendemos, seremos muitíssimos mais culpados.

Por que então essa má vontade, essa desilusão dos moços, que não pode ser inata? perguntava meu amigo. Será que a época de ditaduras pela qual todo o mundo passou, abateu o ânimo dos jovens? Será mesmo essa mocidade, uma mocidade derrotada sem entrar na luta, prematuramente envelhecida, descrente de tudo e de todos?

Temos a impressão que não. A juventude não pode viver sempre assim. Chega a hora em que ela se ergue e mostra do que é capaz. E essa hora está chegando.

Nunca, na história, uma época foi tão pródiga em transformações. A revisão de valores é um fato. Não há mais medalhão. Não há mais nada certo. Tudo é relativo. Não há mais ninguém fixo no pedestal. Vultos e coisas que julgávamos no mais alto, intocáveis, desabam de uma hora pra outra; ontem grandes, hoje esquecidos. Enquanto que outros se firmam, se erguem, enormes, ante nós...

A juventude — não a Gibi, mas a juventude, juventude que já acordou — busca novos rumos. Procura se aperfeiçoar, procura andar em dia com o mundo, procura ver mais longe do que o dia de hoje.

As convulsões porque o mundo passou, foram muitas. Em todos os sentidos. Guerras. Idéias novas. Reações novas. Novas descobertas...

É difícil acompanhar os progressos do nosso tempo. E o homem anda como que abobado. Vê que tudo o que tocara tão dificultosamente a respeito de si mesmo e do mundo, é falso. Vê que é preciso desaprender tudo para aprender de novo. E não se sente com coragem. A maioria fracassa. E vira derrotista e reacionário.

O sr. Carlos Lacerda foi um dos primeiros jornalistas brasileiros a visitarem a Europa depois de cessadas as hostilidades. Mal começavam a regressar os nossos correspondentes de guerra, e já aquele escritor, concluindo sua brilhante e valiosa colaboração na campanha de recuperação democrática do país, desembarcava no velho continente para observar «in loco» as conseqüências dolorosas do conflito. Seus artigos, em que, com uma sinceridade quase rude, traçou o perfil das terras devastadas e dos homens humilhados, em que acusou os primeiros rebentos da política de hipocrisia que os líderes queriam estabelecer em nome dos que tomaram, em que a inabilidade ou mesmo a inépcia dos vencedores era posta a nú, constituíram sem dúvida, um autêntico êxito jornalístico. Além disso, o sr. Carlos Lacerda soube manter vivo o seu contacto com o Brasil enquanto viajava por outras terras. Suas acusações também atingiam, e com grande justiça, os erros e os desvios de nossos homens públicos. Assim, se houve tempo em que um artigo como «O Sertão da Europa» corria de mão em mão, a correspondência em que o sr. Carlos Lacerda, relatando sua visita ao cemitério militar brasileiro de Pistoia, relembra as traições cometidas aos ideais democráticos dos «pracinhas», será uma página que, tão cedo, não se apagará da memória dos brasileiros sinceros.

Um jornalista dessa ordem, indubitavelmente, constitui uma pedra no sapato dos «senhores da vida». Por isso, o sr. Carlos Lacerda tornou-se desde logo, o centro de aceras controvérsias, mas, se seus inimigos desdobram-se para apagar seus golpes impiedosos, o povo o acompanhou sempre e acabou por elegê-lo, com um montante extraordinário de votos, para a câmara representativa municipal do Distrito Federal. Esse reconhecimento de suas qualidades explica, aliás, a boa acolhida que vem tendo o livro em que o «IPE» Instituto Progresso Editorial recolheu seus artigos referentes aos assuntos de post-guerra. Nesse volume estão os seus trabalhos sobre a Europa e mais aqueles que, de assunto brasileiro, completam o panorama que traçou uma guerra, se arrisca a perder a paz.

«Como foi perdido a paz» terá, pois de figurar na biblioteca de todos os que devotam alguma atenção á política, porquanto constitui o único livro, talvez, em que a situação internacional é examinada por um brasileiro e de um ponto de vista nitidamente brasileiro. Bem andou a casa editora que desejou imprimir um volume desse teor, escolher para tal fim os escritos do sr. Carlos Lacerda, a quem para tanto só-jam títulos e qualidades.

(Distribuidores do «IPE» para o Estado de Santa Catarina)

EDIÇÕES ATLAS SANTA CATARINA LTDA. — FLORES.

Para a mocidade é mais fácil do que para o homem já feito. Ainda está no período de formação e as idéias ainda não estão tão arraigadas no espírito. Basta um pouco de boa vontade, deixar de tudo a preguiça e... pronto.

O lema da juventude deve ser a procura de um rumo certo. Procura incansavelmente. Por isto é que achamos deve acabar a «Mocidade-Gibi». Basta. Os jovens não podem mais perder tempo. Chega de futilidades. Aos novos compete uma grande tarefa (a de reerguer a fé nos destinos do homem) e, desde cedo, eles devem aprender a realizá-la.

E, para quem anda «insulado», o único meio — ou quase o único — de fazê-lo é por intermédio dos livros. Dos bons livros. Nada de «Mocidade-Gibi».

# O IDEALISTA

Conto de JOSÉ TITO SILVA  
(do "Clube de Cooperação Cultural")

Caía uma chuvinha fina. O vento refrescava aqueles dias cálidos de dezembro. Juquinha, como sempre, fechado no seu quarto de pensão, lia . . . lia . . . Pobre Juquinha! (diziam uns). Coitadinho! Não sai à rua, não passeia. É diferente de todo o mundo. Tem um empreguiinho que lhe dá uma grana fraquinha, estuda e lê. Mais nada. Não se mexe, nem prá arranjar uma namorada. Entretanto, aquela gente como era idiota (pensava Juquinha). Bem Como toda a massa. Não pensa; se governa pelos hábitos, se escraviza do cinema, do «footing», do bate-papo com os vizinhos, das noites de dança. Pronto. Claro que êle não menospreza tais divertimentos, pois adora uma farrinha de quando em vez, gosta de uma boa fita, passeio, etc. Mas também não tolera ir todo o santo dia ao cinema. Nada que lhe vá contra o prazer. Sim a vida para a maioria se regula pelas horas. Dias de semana, cinema. Domingo, para vários, *matinée*.

Como êle era diferente dos outros, de fato. Era honesto e sincero. E o que é pior, não sabia esconder a verdade mesmo que ela o viesse prejudicar. Amava os grandes problemas sociais. Dedicava-se a êles, no seu quarto de pensão, através do estudo. Como espírito ordeiro e intencionado lamentava a injustiça das leis ditadas para o exclusivismo de uma classe. A péssima situação das pensões e hotéis no Brasil. Nenhum apóio legal de que se pudesse garantir o estudante, quanto a certas situações nos estabelecimentos coletivos de hospedagem. Se a gente se ausenta da pensão por vinte dias, tem que pagar o mês integral. Não se pode pagar apenas pelo quarto, pois as leis não são taxativas. Paga-se quarto e comida; quarto sujo e empoeirado e comida racionada, avitaminada, destemperada. Pensões com apenas uma instalação sanitária (banheiro, chuveiro e W. C., tudo no mesmo quarto) e duas dezenas de hóspedes positivamente atirados no regime inevitável das «bichas». Também, existem bichas prá pão, prá carne, prá tudo. E a Higiene? . . . Ah! . . . A Higiene no Brasil é limpa. Limpa pra xuxú. Juquinha ainda se lembra que lera algo sôbre os restaurantes, hotéis, dos Estados Unidos, que servem os fregueses bôa refeição em pratos com milhões de germes, bacilos, etc. Sim É verdade. Os pratos, talheres devem ser fervidos ou mergulhados em água fervente, durante, no mínimo, dois minutos, pois os micróbios (o bacilo de Koch, por exemplo) são muito resistentes e da forma que é feita a higiene, em geral, as doenças se transmitem alarmantemente.

No Brasil, a higiene é como o Direito, dinâmico no papel, na teoria, nos livros didáticos, e na prática não existe. É. No Brasil a Higiene é limpa porque ela nunca entrou nos ambientes sórdidos, onde se fazem necessárias medidas preventivas de ordem geral. Exatamente onde ela iria fazer «sujeira» descobrindo e exigindo certas coisas. Ai, sim, a Higiene estaria suja (com os proprietários de hospedarias, restaurantes).

Mas . . . Que fazer? . . . Que fazer num país onde pululam milhões de filhos que constituem um fardo para a nação e as gerações vindouras? Numa nação onde a sífilis nunca foi atacada com realismo? Onde os médicos-deputados enchem a bolsa em ambas as profissões? Numa nação onde muitos cientistas humanitários e desejosos de fazer o bem geral, despertando no próprio povo um instinto de luta contra as doenças, numa extraordinária campanha, encontram a resistência da Economia Nacional limitada? Doenças, como a tuberculose, a sífilis, a malária, as anemias (regionais) não podem ser debeladas no Bra-

sil? Num esforço sôbrehumano? Devotando grandes verbas para a saúde pública e salvaguardando do mal as gerações futuras? Enfim, adianta a cura individual? Se amanhã se estará contaminado pelo vizinho? Se a maioria, na Sociedade, prolifera a sífilis, a tuberculose? E a Educação? Sim, a Educação. O Brasil é um problema de educação. Educar para fazer com que o individuo viva vida decente e condigna, para higienizar, para construir um verdadeiro Brasil.

Juquinha também não compreende como clínicas hospitalares mantidas pelo Poder Público ou por particulares, ministram ciência pela côr do dinheiro. Ciência lucrativa! Não! Dia virá em que os homens lutarão pelo povo! Os milhões de loucos, paralíticos, vítimas da sífilis, os tuberculosos latentes (incipientes), serão tratados em campanhas desenvolvidas por valores nobres. Em campanhas em que o maior interessado seja o povo. Numa batalha do povo, pelo povo. Isto sim é democracia. É idealismo.

A chuva cai mais forte. Juquinha adormece sôbre um livro de leitura. Lá fora cominha uma multidão de trapos humanos. Paralíticos. Loucos. Sifilíticos. Pelagrosos. Impaludados. Anêmicos. É a marcha de morte para o futuro indeciso. Ah! Se Juquinha tivesse uns 400 milhões de cruzeiros. Que faria? Compraria uma «limousine» 1948? . . . No duro!

=====

## AGUARDENTE LAUSIANA

SEM CHEIRO E COM SABOR

Produto de C. Laus & Cia.

FLORIANÓPOLIS - STA. CATARINA

## VICTOR DA LUZ FONTES

ENGENHEIRO CIVIL

PROJETOS - CÁLCULOS - CONSTRUÇÕES

TOPOGRAFIA - URBANISMO

Rua Trajano, 14 - 2º andar

FLORIANÓPOLIS

## CAMINHÕES INTERNATIONAL

Para Transporte Econômico Interestadual  
Escolha um International



O transporte pesado nas estradas exige um caminhão com resistência, força, economia e vida longa. E estas são as razões por que tantos operadores escolhem os caminhões International para serviços entre Municípios e Estados.

O motor International "Diamante Verde", potente, econômico e de funcionamento suave, proporciona maior rendimento com menor consumo de combustível — uma grande vantagem nos transportes a longa distância por estradas acidentadas.

Pratique conhecer melhor a série International, pedindo-nos

Com os produtos da International Harvestor V.S. obtém a proteção de 113 anos de experiência e serviço.



folhetos descritivos e informações sem compromisso.

## TRATORES McCORMICK-DEERING INTERNATIONAL



Um trator em sua fazenda será o seu maior auxiliar. Ele ara as suas terras, planta as suas sementes, gradela e cultiva as suas plantações e fornece ainda força econômica na palha para movimentar outras máquinas acionadas por correia.

Os tratores de rodas McCormick-Deering International podem ser fornecidos com motores rigorosamente Diesel ou com motores a gasolina, querosene, ou álcool.

Estude conosco a economia e o rendimento que um trator lhe poderá proporcionar, aumentando a sua produção e os seus lucros.

Peça-nos folhetos descritivos sem compromisso.

## CONCESSIONÁRIOS:

### COMÉRCIO e TRANSPORTES

# C. RAMOS S. A.

Rua João Pinto = nº. 9

Fpolis.

Sta. Catarina

## NEVE OFERECE: HIGIENE \* CONFORTO \* ECONOMIA

Construídas segundo os modernos preceitos da técnica especializada, as móveis "NEVE" simbolizam - HIGIENE - CONFORTO - ECONOMIA, constituindo um inédito padrão de elegância e qualidade!



INDUSTRIAS NEVE LTDA.  
Rua Rosa e Silva, 74 + São Paulo

## Figueirense Futebol Clube

Ingressar no quadro social do FIGUEIRENSE FUTEBOL CLUBE é trabalhar pelos desportos catarinenses. É dar disciplina e criar espírito associativo entre os jovens.

## Máquinas de escrever "ROYAL"

Recebemos nova remessa de máquinas, diretamente da Fábrica Royal, nos Estados Unidos, nos seguintes tipos e tamanhos:

M M 11	carro	93 espaços
M M 12	carro	113 espaços
M M 14	carro	133 espaços
M M 18	carro	173 espaços

Portateis

Distribuidores em Santa Catarina: **MACHADO & CIA.**

Rua Conselheiro Mafra, 54 — FLORIANÓPOLIS — Telegramas: \* Primus \*

## SOMATEC

SOCIEDADE MATERIAIS E INSTRUMENTOS TÉCNICO CIENTÍFICOS, LTDA.

Rua Conselheiro Mafra, 54 — Telefone, 1658

### SECÇÃO DE ÓTICA — OFTÁLMICA

Oficina e Laboratórios próprios de superfície e montagem  
Sua receita nós a executaremos com garantia, precisão e conforto absolutos.

Proteja seus olhos usando óculos rigorosamente precisos

Mantemos técnico especializado na Casa Busch & Lomb.

A Somatéc é, atualmente, a única Casa especializada no ramo.

## CASA VITOR

Especialista em calçados para homens, senhoras e crianças

gravatas

camisas

meias

cuecas etc.

Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia

RUA FELIPE SCHMIDT, 3 — FLORIANÓPOLIS

## O Círculo de Arte Moderna

para atender aos insistentes pedidos que vem recebendo, apresentará, futuramente, a reprise do seu primeiro espetáculo, com:

- 1) **O homem da flôr na boca**  
de LUIGI PIRANDELLO
- 2) **Como êle mentiu ao marido dela**  
de G. B. SHAW
- 3) **Um homem sem paisagem**  
de ODY F. e S.

Foram estas as peças que apresentaram os três astros:

**JASON CESAR, EGLÊ MALHEIROS e  
ANIBAL NUNES PIRES**

Direção e cenário:

**ODY F. e S.**

## Empresa Gráfica Popular S. A.

Comércio e Indústria Gráfica

Executa, com a máxima perfeição,  
qualquer trabalho gráfico: impres-  
são, encadernação, pautação, etc.

Pontualidade absoluta nas  
entregas

Peçam orçamentos para seus  
trabalhos

**OFICINAS:**

Rua Vitor Meireles, 30 - Florianópolis